

**ACESSO MAIS  
SEGURO**



**PARA SALVAR  
VIDAS**



# ACESSO MAIS SEGURO EM AÇÃO

**ESTUDO DE CASO: ÁFRICA DO SUL**

**PACOTE DE RECURSOS PRÁTICOS**



*Always Needed. Always There.*



**CICV**



**CICV**

Comité Internacional de la Cruz Roja  
19, avenue de la Paix  
1202 Genebra, Suíça  
T +41 22 734 60 01 F +41 22 733 20 57  
Email: [shop@icrc.org](mailto:shop@icrc.org) [www.icrc.org](http://www.icrc.org)  
© CICV, julho de 2016

Imagem da capa: Pessoas deslocadas esperam na fila para obter assistência. David Chancellor/FICV

# **ACESSO MAIS SEGURO EM AÇÃO**

**ESTUDO DE CASO: ÁFRICA DO SUL**

## SOBRE ESTE ESTUDO DE CASO

Este estudo de caso foi elaborado conjuntamente pela Cruz Vermelha Sul-Africana e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV). O objetivo é explorar e destacar algumas das lições aprendidas com a resposta humanitária da Cruz Vermelha a uma onda de violência associada a ataques xenófobos em maio de 2008.

O material foi reunido em uma análise de documentos básicos e uma série de entrevistas semiestruturadas e grupos focais organizados conjuntamente pela Cruz Vermelha e o CICV. Entre os entrevistados, estavam funcionários e voluntários da sede da Cruz Vermelha e da filial da província de Gauteng, das filiais do assentamento de Alexandra, Lebowakgomo, Mokopane, Pretória e Seshego, assim como da filial provincial de Wynberg, na Cidade do Cabo. Realizou-se uma teleconferência com os colaboradores das províncias de KwaZulu-Natal e Cabo Oriental.

Dois elementos importantes do Marco para um Acesso Mais Seguro foram vitais para o trabalho da Cruz Vermelha Sul-Africana: a aceitação da organização e a aceitação individual. Este estudo de caso explora as questões específicas decorrentes dessas duas áreas e as estratégias associadas que a organização adotou para abordá-las.

Estudos de caso como este, componentes essenciais do Pacote de Recursos Práticos do Marco para um Acesso Mais Seguro, oferecem exemplos de boas práticas realizadas pelas Sociedades Nacionais.

# ÍNDICE

CONTEXTO OPERACIONAL	5
Histórico do país	5
Cruz Vermelha Sul-Africana	6
Ação humanitária realizada pela Sociedade Nacional	8
Marco para um Acesso Mais Seguro	9
QUESTÕES QUE AFETAM O ACESSO SEGURO E AS ESTRATÉGIAS ADOTADAS	10
Questão 1: Aceitação da organização	10
Questão 2: Aceitação individual	14
TRABALHAR EM CONJUNTO COMO UM MOVIMENTO	15
RESULTADOS DA RESPOSTA BEM-SUCEDIDA	17
<b>FIGURAS</b>	
Figura 1: Mapa da África do Sul	5
Figura 2: Os oito elementos do Marco para um Acesso Mais Seguro	9
Figura 3: Os Princípios Fundamentais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho	16





Como potência econômica do continente africano, e particularmente desde as primeiras eleições democráticas, realizadas em 1994, a África do Sul tem atraído um grande número de migrantes em busca de oportunidades de emprego ou de asilo político em um país democrático com uma constituição moderna e robusta.

Apesar de suas fortalezas, a economia sul-africana não foi capaz de se proteger da crise econômica mundial de 2007. Níveis elevados de desemprego e descontentamento em virtude da escalada dos preços de alimentos e combustíveis somaram-se à antiga insatisfação com a disparidade entre a riqueza e a pobreza no país. As dificuldades econômicas do país tiveram repercussões particularmente negativas sobre as pessoas dos estratos socioeconômicos mais baixos. Em diversos casos, os sul-africanos afetados voltaram sua raiva contra os migrantes, muitos dos quais viviam lado a lado com os cidadãos do país em assentamentos urbanos (tipo de favela). Ao aceitar trabalhar por menos que o salário mínimo (e não sujeitos a encargos sociais), os migrantes se tornaram uma fonte de trabalho atraente em setores como a agricultura. Isto levou à competição com os moradores nativos pelas escassas oportunidades de trabalho e habitação, assim como a afirmações de que os imigrantes aumentavam os índices de criminalidade.

Embora tenha havido ataques isolados contra estrangeiros no passado, a onda de violência xenófoba<sup>1</sup> que eclodiu em maio de 2008 chocou os sul-africanos e a comunidade internacional por sua ferocidade. A violência começou no assentamento de Alexandra, a nordeste de Johannesburgo, onde multidões furiosas atacaram estrangeiros e alguns cidadãos sul-africanos. A violência se espalhou a todas as províncias do país, com exceção de uma. Mais de 60 pessoas morreram e muitas outras ficaram feridas. A violência e a intimidação também provocaram o deslocamento de dezenas de milhares de pessoas, que foram alojadas em delegacias, centros comunitários, igrejas e outros espaços. Milhares de estrangeiros fugiram do país por medo de perseguição.

As necessidades da população afetada incluíam alimentos e outros itens, apoio psicossocial, restabelecimento de laços familiares, primeiros socorros, proteção e segurança. Também prestou-se apoio para facilitar a reintegração dos migrantes às comunidades.

## Cruz Vermelha Sul-Africana

“Antes dos anos 1990, a Cruz Vermelha Sul-Africana era percebida como uma organização ‘branca’ que operava durante épocas de desastres naturais, enquanto a assistência às pessoas negras afetadas pela luta antiapartheid era nula”, disse o ex-secretário-geral, Mandisa Kalako-Williams. Isto resultou em uma aceitação muito limitada dos colaboradores da Cruz Vermelha e da própria organização por diversas comunidades.

Durante os anos prévios à eleição de 1994, a Cruz Vermelha implantou várias estratégias de reposicionamento para ganhar a confiança da população e



Voluntários da Cruz Vermelha Sul-Africana descarregam cobertores de um caminhão para distribuição às pessoas deslocadas pela violência.

<sup>1</sup> Xenofobia é a aversão ou o medo intenso de pessoas de outros países ou outros grupos étnicos. Geralmente tem raízes em preconceitos históricos, linguísticos, religiosos, culturais e nacionais e pode se associar a diferenças percebidas no tratamento econômico, social e político de pessoas de diferentes antecedentes étnicos ou nacionais. Esses preconceitos e percepções também podem desencadear explosões de violência xenófoba, isto é, violência dirigida contra estrangeiros (tradução livre). Veja também Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, *IFRC Strategy on Violence Prevention, Mitigation and Response 2011 – 2020*, p. 23. Disponível em inglês em <https://www.ifrc.org/PageFiles/53475/IFRC%20SoV%20APPENDIX%202011%20EN.pdf>.



Voluntários da Cruz Vermelha Sul-Africana realizam uma avaliação das necessidades.

das autoridades. “Começamos a ser entendidos em 1994, quando prestamos serviços a pessoas dos dois lados”, diz Mbuso Mthembu, oficial de desastres da Cruz Vermelha Sul-Africana.

Durante o período de luta antiapartheid, particularmente no início dos anos 1990, o maior desafio da Cruz Vermelha Sul-Africana era obter a aceitação de todos os partidos políticos como um ator humanitário neutro, imparcial e independente. Houve casos em que a polícia impediu que os veículos e os colaboradores da organização respondessem. Um exemplo específico, dado por voluntários da província de Gauteng, foi o funeral de um líder do Partido Comunista Sul-Africano e chefe do Estado-Maior do Umkhonto we Sizwe (“Lança da Nação”), braço armado do Congresso Nacional Africano. A situação era extremamente volátil porque o líder havia sido assassinado antes das eleições. Os voluntários disseram que chegaram para monitorar a situação durante o funeral e, de alguma forma, se tornaram alvo da polícia de choque. Algumas vezes, exerceu-se a pressão sobre os voluntários numa tentativa de que revelassem informações.

Após 1994, as filiais locais e provinciais visitadas para este estudo de caso continuaram a se reposicionar para fortalecer a capacidade de prestar serviços de saúde e resposta a desastres às comunidades através de redes de voluntários comunitários capacitados. Esses voluntários são representativos das comunidades que servem, o que é uma vantagem em termos da capacidade de atingir as bases de forma mais eficaz e serem aceitos pelos moradores.

## Ação humanitária da Sociedade Nacional

Como auxiliar das autoridades públicas no âmbito humanitário, a Cruz Vermelha Sul-Africana tem o mandato de responder a emergências e crises na África do Sul. A Sociedade Nacional ganhou proeminência quando liderou as atividades de resposta realizadas durante os ataques xenófobos em 2008.

A Cruz Vermelha Sul-Africana assumiu um papel de liderança na resposta durante os ataques xenófobos contra migrantes estrangeiros em 2008, com a distribuição de alimentos e outros itens de primeira necessidade e a prestação de apoio psicossocial às famílias afetadas.

Antes dos ataques, as equipes de resposta da Cruz Vermelha tinham propiciado primeiros socorros e evacuação de emergência durante situações de violência, como a violência política em 1993 e 1994, assim como durante outros protestos em massa e manifestações sindicais. Com base na experiência adquirida, a organização mobilizou seus funcionários e voluntários para responder ao primeiro dos grandes ataques em Alexandra. A equipe da Cruz Vermelha da província de Gauteng forneceu alguns itens de primeira necessidade aos que buscavam abrigo em alojamentos temporários na província. Antecipando-se à propagação da violência em outras províncias, os suprimentos de socorro foram previamente posicionados e em vários locais a fim de garantir que as equipes das províncias de Cabo Oriental e KwaZulu-Natal estivessem adequadamente equipadas para responder de maneira rápida e efetiva.

A resposta da Cruz Vermelha Sul-Africana voltou-se sobretudo à provisão de serviços de saúde de emergência e primeiros socorros. No entanto, a organização também assumiu um papel de liderança na distribuição de alimentos e outros itens essenciais, além da prestação de apoio psicossocial às famílias afetadas. As atividades da organização incluíram, por exemplo, registro dos beneficiários da ajuda de emergência nos centros de deslocados, restabelecimento de laços familiares, serviços de primeiros socorros em emergências, encaminhamentos a clínicas e hospitais, distribuição de alimentos e outros itens e campanha contra a discriminação.

A campanha antidiscriminação teve início com a conscientização das comunidades e reuniões educativas que também abriram espaço para discussões em grupo.

“ Inicialmente, realizamos sessões separadamente para estrangeiros e sul-africanos, mas então começamos a integrá-los e ter sessões conjuntas para fortalecer ainda mais nossa causa contra a discriminação. ”

Mbuso Mthembu, oficial de gestão de desastres,  
Cruz Vermelha Sul-Africana

Apesar dos desafios relacionados à comunicação e coordenação entre a sede e as filiais locais e provinciais, no auge da violência xenófoba, mais de 150 funcionários e voluntários da Cruz Vermelha foram mobilizados a mais de 25 abrigos temporários para deslocados internos em todo o país. Para apoiar essas atividades, a organização deu início à mobilização de recursos, gestão e coordenação de voluntários, comunicação e relação com a mídia, promoção de parcerias e colaboração com as partes interessadas. Colocou especial ênfase na participação da comunidade, o que incluiu o envolvimento de líderes de comunidades não sul-africanas nos processos de tomada de decisão.

## Marco para um Acesso Mais Seguro

O Marco para um Acesso Mais Seguro destaca as ações e medidas interconectadas que uma Sociedade Nacional pode tomar para aumentar a aceitação, a segurança e o acesso ao trabalhar em contextos delicados e inseguros, incluindo conflitos armados e tensões ou distúrbios internos. A ação humanitária neutra, imparcial e independente e a estrita observância dos Princípios Fundamentais formam a base do Marco.

As ações e medidas propostas no Marco dividem-se em oito “elementos”, cada um com foco em uma área específica (veja Figura 2). É em relação a alguns desses elementos que este estudo de caso examina a ação humanitária da Cruz Vermelha Sul-Africana.

**FIGURA 2. OS OITO ELEMENTOS DO MARCO PARA UM ACESSO MAIS SEGURO**

I		<b>Avaliação do contexto e dos riscos</b>	As Sociedades Nacionais têm uma compreensão clara dos aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos, interligados entre si, do meio operacional em evolução e dos riscos inerentes, que formam a base da prevenção e da gestão destes.
II		<b>Base jurídica e doutrinária</b>	As Sociedades Nacionais possuem instrumentos jurídicos e estatutários sólidos e formulam políticas que servem de base para cumprir com o seu mandato e funções humanitárias, em conformidade com as políticas do Movimento, o Direito Internacional Humanitário e a legislação nacional.
III		<b>Aceitação da organização</b>	As Sociedades Nacionais obtiveram um grau elevado de aceitação entre as principais partes interessadas com a prestação de assistência humanitária e proteção pertinentes e adaptadas ao contexto para as pessoas e comunidades, em conformidade com os Princípios Fundamentais e outras políticas do Movimento.
IV		<b>Aceitação individual</b>	Os funcionários e voluntários obtiveram um grau elevado de aceitação entre as principais partes interessadas com o seu trabalho consistente com os Princípios Fundamentais e outras políticas do Movimento.
V		<b>Identificação</b>	As Sociedades Nacionais tomam todas as medidas necessárias para proteger e promover a identidade visual da organização e dos seus funcionários e voluntários.
VI		<b>Comunicação e coordenação internas</b>	As Sociedades Nacionais aplicam estratégias e mecanismos de comunicação e coordenação que são elaborados adequadamente para fortalecer a coordenação com outros componentes do Movimento.
VII		<b>Comunicação e coordenação externas</b>	As Sociedades Nacionais implementam estratégias e mecanismos de comunicação e coordenação externas que são elaborados adequadamente para aumentar a coordenação com atores externos.
VIII		<b>Gestão de riscos para a segurança operacional</b>	As Sociedades Nacionais assumem a responsabilidade e o dever em relação à segurança e à proteção dos funcionários e voluntários com a elaboração e a aplicação de um sistema e de uma estrutura de gestão de riscos para a segurança operacional.

## QUESTÕES QUE AFETAM O ACESSO SEGURO E AS ESTRATÉGIAS ADOTADAS

### Questão 1 Aceitação da organização

*Elemento III do Marco para um Acesso Mais Seguro*

III



**Aceitação da organização**

As Sociedades Nacionais obtiveram um grau elevado de aceitação entre as principais partes interessadas com a prestação de assistência humanitária e proteção pertinentes e adaptadas ao contexto para as pessoas e comunidades, em conformidade com os Princípios Fundamentais e outras políticas do Movimento.

Considerou-se que o acesso seguro às comunidades afetadas depende sobretudo da percepção e da aceitação da Cruz Vermelha Sul-Africana como um ator humanitário neutro, imparcial e independente. A violência xenófoba na África do Sul foi motivada pela percepção das comunidades de que os estrangeiros tiravam o emprego dos cidadãos e eram uma fonte de atividade criminosa. Neste contexto, a Cruz Vermelha temia que as comunidades sul-africanas percebessem a assistência aos estrangeiros deslocados como prioritária em relação às suas próprias necessidades.



David Chancellor/Federação

Cruz Vermelha Sul-Africana na estrada com um veículo bem identificado

## Estratégias adotadas

### Avançar a partir das relações de prestação de serviços existentes

A Sociedade Nacional atribuiu o acesso seguro às comunidades afetadas pela violência xenófoba ao fato de que havia prestado serviços essenciais de maneira visível às comunidades antes da eclosão da violência.

Dois importantes fatores contribuem para a aceitação e o posicionamento positivo de qualquer Sociedade Nacional: a prestação de serviços relevantes que atendam às necessidades da comunidade e a participação comunitária no processo de identificar e oferecer soluções. As atividades da Cruz Vermelha foram pensadas no sentido de fortalecer o espírito de autoajuda da comunidade com o envolvimento e o empoderamento dos voluntários da comunidade. O envio de voluntários locais não apenas favoreceu maior aceitação e acesso, mas também, o que é mais importante, permitiu que a Cruz Vermelha compreendesse melhor o contexto.

Além disso, os voluntários disseram que puderam realizar avanços em seu trabalho graças à presença permanente, à visibilidade e ao constante diálogo da Sociedade com a comunidade. Esses são os primeiros passos para a geração de uma mudança na comunidade que permita que a Cruz Vermelha realize seu trabalho e garanta a segurança dos voluntários. De acordo com Winnie Ndebele, secretária-geral interina da Cruz Vermelha Sul-Africana, “prestar um serviço integrado nos ajudou a obter maior aceitação entre a comunidade.”

“Inicialmente, alguns membros da comunidade questionaram por que estamos prestando apoio a estrangeiros durante os ataques xenófobos. Pudemos explicar a eles nosso trabalho e refrescar sua memória sobre o que fazíamos na comunidade como voluntários e como Sociedade Nacional antes dos ataques. Após essa explicação, as pessoas das comunidades permitiram a realização das nossas atividades com os estrangeiros sem assédio ou intimidação.”

Voluntária, assentamento de Alexandra,  
Cruz Vermelha Sul-Africana

Deve-se ter em conta a importância de um diálogo contínuo com a comunidade e de um monitoramento regular sobre a percepção da comunidade em relação à Sociedade Nacional. Também é importante promover o trabalho da Cruz Vermelha em todos os níveis. O posicionamento positivo da Sociedade Nacional funciona melhor quando vem acompanhado de atividades relevantes no terreno. Em outras palavras, devem-se tomar medidas práticas e específicas para ganhar aceitação. Esta experiência também destacou a importância de trabalhar com os veículos de comunicação e promover atividades da Sociedade Nacional em tempos de paz, bem antes da eclosão da violência.

Dois importantes fatores contribuem para a aceitação e o posicionamento positivo de qualquer Sociedade Nacional: a prestação de serviços relevantes que atendam às necessidades da comunidade e a participação comunitária no processo de identificar e oferecer soluções.



Na delegacia de Jeppe, que alojou um grande número de pessoas deslocadas pela violência, uma lactante recebe assistência de voluntários da Cruz Vermelha Sul-Africana.

### **Envolver os líderes comunitários no diálogo – o “processo de entrada à comunidade”**

Uma estratégia essencial adotada pela Cruz Vermelha Sul-Africana durante o período de violência política de 1993-1994 foi envolver todos os partidos políticos e líderes comunitários em um diálogo para aumentar a compreensão sobre a função da Sociedade Nacional como organização humanitária neutra, imparcial e independente. A partir dessa experiência, a Cruz Vermelha e o CICV desenvolveram um processo conjunto de “de entrada à comunidade”, voltado às seguintes áreas essenciais:

- ▶ Compreensão e análise do contexto junto com a comunidade e seus líderes;
- ▶ Identificação da fonte e posterior validação da informação que circula (por exemplo, rumores e matérias da imprensa);
- ▶ Elaboração de um marco de segurança local através de um maior conhecimento por parte de todos os líderes;
- ▶ Comunicação interna e externa ativa da informação sobre o Movimento para posicionar melhor a Sociedade Nacional durante tempos de paz.

Este processo continua sendo usado pela Cruz Vermelha Sul-Africana. Colaboradores no terreno visitam locais considerados como potenciais focos de violência e conduzem exercícios de mapeamento com todos os líderes comunitários da região. O resultado é uma compreensão mais profunda de cada um dos líderes quanto aos desafios enfrentados pela comunidade. Os problemas e soluções identificados pelos líderes são muitas vezes específicos da comunidade, e o processo de entrada ajudou a Cruz Vermelha a identificar a melhor abordagem para garantir a aceitação dentro da comunidade.

À medida que os colaboradores da Cruz Vermelha no terreno aprofundaram a relação com os líderes comunitários, a Sociedade Nacional percebeu como é importante para eles conhecer e confiar nos colaboradores no terreno. A abordagem de fortalecimento da confiança usada pelos representantes comunitários da Cruz Vermelha assegura que os líderes estejam conscientes da experiência de todos os trabalhadores no terreno presentes dentro de sua comunidade e tenham seus dados de contato.

A participação dos membros da governança em todas as etapas da resposta, incluindo o planejamento, preparou o caminho para uma rápida e sólida tomada de decisões durante a resposta.

### **Garantia da ação coerente entre voluntários da governança e equipes de gestão**

Os dirigentes da Cruz Vermelha Sul-Africana perceberam que é muito importante que as estruturas e os indivíduos de governança e gestão entrem em um acordo sobre o rumo tomado pela Sociedade e trabalhem lado a lado.

Uma das lições mais importantes informadas pela Cruz Vermelha da África do Sul<sup>2</sup> foi que os procedimentos operacionais padrão não são um “extra opcional”. A falta de procedimentos operacionais padrão claros e amplamente difundidos significou que as equipes locais, provinciais e nacional tivessem, às vezes, que instituir procedimentos e processos isolados entre si. Isto, somado à falta de uma estrutura hierárquica claramente definida, dificultou a coordenação e a gestão.

O ex-secretário-geral interino David Stephen, que chefiava a Cruz Vermelha Sul-Africana na época dos ataques xenófobos, afirmou que trabalhar com os membros e as estruturas de governança da Sociedade Nacional para planejar as situações antes que ocorressem preparou o caminho para uma tomada de decisão sólida e rápida, pois todos foram informados e puderam expressar suas preocupações durante a análise. Stephen também destacou a importância de envolver a governança no processo em todas as etapas. Se os dirigentes das filiais tivessem recebido instruções sem a consulta adequada nas etapas de análise e planejamento, isto poderia ter dificultado a implantação do processo.

“A sinergia de abordagem, processo e ação entre a sede e as filiais é crucial para garantir o posicionamento consistente da Sociedade Nacional em todos os níveis.”

David Stephen, ex-secretário-geral interino da Sociedade da Cruz Vermelha Sul-Africana

### **Fortalecimento da comunicação interna sobre o Movimento para produzir “embaixadores” fortes**

Mandisa Kalako-Williams, ex-secretária-geral da Cruz Vermelha Sul-Africana, ressaltou a importância de fortalecer as capacidades da Sociedade Nacional através da comunicação interna permanente e do envolvimento coletivo nos processos de planejamento e implantação. A comunicação interna sobre o mandato da Sociedade Nacional e os componentes do Movimento, suas atividades, a importância da aplicação dos Princípios Fundamentais e o uso do emblema foi reconhecida como um processo em andamento, não algo a ser realizado somente durante o processo de apresentação dos voluntários.

<sup>2</sup> 7ª Conferência Pan-Africana das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, de 19 a 22 de outubro de 2008, Relatório do grupo de trabalho 2, *Mitigating the humanitarian consequences of violence in urban settings: the South African experience*.

Além disso, Kalako-Williams destacou a importância do desenvolvimento de competências de recursos humanos, de modo que os funcionários e voluntários tenham o conhecimento e as habilidades para se tornarem representantes ou “embaixadores” da Cruz Vermelha, ajudando assim a posicionar a Sociedade Nacional para que seja cada vez mais aceita em todos os setores da sociedade.

## Questão 2 Aceitação individual

*Elemento IV do Marco para um Acesso Mais Seguro*

IV



### Aceitação individual

Os funcionários e voluntários obtiveram um grau elevado de aceitação entre as principais partes interessadas com o seu trabalho consistente com os Princípios Fundamentais e outras políticas do Movimento.

Os voluntários da comunidade na Cruz Vermelha Sul-Africana informaram que nem sempre foi fácil separar a identidade pessoal como voluntários da Cruz Vermelha de sua identidade como indivíduos morando nas comunidades natais, pois eles e suas famílias eram parte do contexto. No caso da resposta à violência xenófoba, alguns deles escutavam perguntas como: “Sendo sul-africano, por que você ajuda estrangeiros, quando são eles que estão causando os problemas?”



Christopher Black/Federação

Voluntário da Cruz Vermelha Sul-Africana coordena as próximas ações com os colegas.

## Estratégias adotadas

### Preparação dos voluntários da comunidade

A Cruz Vermelha Sul-Africana notou a importância de que os voluntários das comunidades sejam vistos não apenas como parte de um mecanismo de resposta, mas como o principal meio de construção de confiança e relações dentro da comunidade. A informação sobre os Princípios Fundamentais do Movimento foi difundida às comunidades afetadas, e os voluntários das comunidades aprenderam como se orientar pelos Princípios e aplicá-los em seus processos de tomada de decisão e atividades de resposta.

A Cruz Vermelha Sul-Africana investiu um tempo e um esforço consideráveis na elaboração das estruturas de resposta a emergências, que incluem a prestação de treinamento, uniformes e documentos de identificação adequados para todas as equipes voluntárias de resposta. Ao compilar as lições aprendidas na resposta de 2008, os voluntários também observaram que, embora tenha sido importante entender os Princípios Fundamentais e colocá-los em ação no trabalho e na vida diária, foi igualmente importante conhecer outras políticas e padrões humanitários do Movimento amplamente aceitos. Durante os ataques xenófobos, por exemplo, os voluntários da comunidade sentiram-se desafiados quando, ao distribuir itens de ajuda, perceberam que os estrangeiros deslocados sabiam mais sobre o Projeto Esfera<sup>3</sup> do que eles próprios. Antes da violência xenófoba de 2008, a Cruz Vermelha ofereceu treinamento *ad hoc* para preparar melhor os voluntários para a resposta apropriada em situações violentas. Após a experiência de 2008, este treinamento foi incluído no currículo de capacitação de todos os programas comunitários.

A Cruz Vermelha Sul-Africana vê os voluntários das comunidades, que aderem e promovem os Princípios Fundamentais, como o principal meio de construção de confiança e relações dentro da comunidade.

## TRABALHAR EM CONJUNTO COMO UM MOVIMENTO

A Cruz Vermelha Sul-Africana liderou a resposta humanitária à violência xenófoba, com orientação e apoio do CICV e da Federação Internacional. Embora não isento de desafios, o trabalho conjunto com outros componentes do Movimento e a alavancagem proporcionada por suas capacidades complementares permitiram que a Cruz Vermelha desenvolvesse um forte perfil de resposta.

Realizou-se uma análise conjunta do Movimento sobre o contexto, e a informação reunida foi compartilhada por cada componente. A Cruz Vermelha propiciou a informação e as perspectivas informadas pelas equipes no terreno durante as teleconferências regulares realizadas para a recepção e a troca de informação entre as filiais, províncias e o escritório nacional. A Cruz Vermelha concluiu que esse processo de análise complementar do Movimento teve maior objetividade e favoreceu o equilíbrio dos pontos de vista muitas vezes compreensivelmente subjetivos das equipes operacionais.

Com base em suas capacidades complementares, os componentes do Movimento trabalharam em conjunto em áreas como análise conjunta do Movimento, que fortaleceram a resposta da Cruz Vermelha Sul-Africana.

<sup>3</sup> Projeto Esfera, *Humanitarian Charter and Minimum Standards in Humanitarian Response*, 2011, [www.sphereproject.org](http://www.sphereproject.org).

A Cruz Vermelha não tinha uma estratégia de comunicação de crise quando a violência irrompeu, nem pessoal de comunicação suficiente na Sociedade como um todo para lidar com o intenso interesse da mídia local e do mundo todo. O escritório da Federação Internacional para o Sul da África se encarregou de boa parte do trabalho de comunicação no início das operações, redigindo artigos de imprensa e comunicados e prestando apoio às entrevistas coletivas, até que a Cruz Vermelha contratou um assessor de comunicação local para assumir essas responsabilidades.

**FIGURA 3: OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA CRUZ VERMELHA E DO CRESCENTE VERMELHO**

HUMANIDADE	IMPARCIALIDADE	NEUTRALIDADE	INDEPENDÊNCIA	VOLUNTARIADO	UNIDADE	UNIVERSALIDADE
<p>O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, que nasce da preocupação de prestar auxílio, sem discriminação, a todos os feridos nos campos de batalha, se esforça, nos âmbitos nacional e internacional, para evitar e reduzir o sofrimento humano em todas as circunstâncias. Visa proteger a vida e a saúde, assim como promover o respeito à pessoa humana. Favorece a compreensão mútua, a amizade, a cooperação e a paz duradoura entre todos os povos.</p>	<p>Não faz nenhuma distinção de nacionalidade, raça, religião, condição social nem orientação política. Dedicar-se somente a socorrer os indivíduos na medida dos seus sofrimentos, atendendo às suas necessidades e dando prioridade às mais urgentes.</p>	<p>A fim de conservar a confiança de todos, o Movimento abstém-se de tomar parte em hostilidades ou em controvérsias, em nenhum momento, de ordem política, racial, religiosa e ideológica.</p>	<p>O Movimento é independente. Auxiliares dos poderes públicos nas suas atividades humanitárias e submetidas às leis que governam os respectivos países, as Sociedades Nacionais devem, no entanto, conservar uma autonomia que lhes permita agir sempre segundo com os princípios do Movimento.</p>	<p>O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho é um movimento de socorro voluntário e de caráter desinteressado.</p>	<p>Em cada país só pode existir uma Sociedade da Cruz Vermelha ou do Crescente Vermelho, devendo ser acessível a todos e estender a sua ação humanitária a todo o território nacional.</p>	<p>O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, em cujo seio todas as Sociedades Nacionais têm os mesmos direitos e o dever de se ajudarem mutuamente, é universal.</p>

## RESULTADOS DA RESPOSTA BEM-SUCEDIDA

Graças, em parte, ao sucesso da resposta e ao fortalecimento das relações comunitárias alcançados pela Cruz Vermelha Sul-Africana durante o período de violência, as discussões iniciadas com o governo em 1999 tiveram importantes avanços e levaram à assinatura, em 2010, de um memorando de entendimento para a resposta a emergências e desastres. Em 2008, a Cruz Vermelha também foi convidada a integrar a Comissão Interministerial sobre Direito Internacional Humanitário, da qual atualmente é membro. Além disso, durante a Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, a Cruz Vermelha foi totalmente apoiada pelo Departamento Nacional de Saúde como um dos vários prestadores de primeiros socorros.



Christopher Black/Federação

Profissional de saúde da Cruz Vermelha Sul-Africana presta assistência a um jovem paciente sob o olhar atento da mãe.



### **MISSÃO**

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) é uma organização imparcial, neutra e independente cuja missão exclusivamente humanitária é proteger a vida e a dignidade das vítimas dos conflitos armados e de outras situações de violência, assim como prestar-lhes assistência. O CICV também se esforça para evitar o sofrimento por meio da promoção e do fortalecimento do direito e dos princípios humanitários universais. Fundado em 1863, o CICV deu origem às Convenções de Genebra e ao Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. A organização dirige e coordena as atividades internacionais que o Movimento conduz nos conflitos armados e em outras situações de violência.



CICV